

economia

Delivery cresce e atrai nova onda de marketplaces

Modalidade representa, em média, 30% do faturamento dos bares e restaurantes no Rio Grande do Sul

/ CONSUMO

Gabriel Margonar
gabrielm@jcrs.com.br

O hábito de pedir comida pelo celular está longe de ser exceção e se tornou parte da rotina de milhares de gaúchos. Em 2026, o mercado de delivery no Rio Grande do Sul, que contempla cada vez mais os setores de supermercados e farmácia, dá sinais claros de consolidação e crescimento sustentado, embalado por números robustos, expansão para o Interior e a chegada de novos players dispostos a disputar espaço.

Somente em janeiro deste ano, o volume de pedidos no Estado via iFood, maior plataforma de delivery do País, cresceu 14,9% em relação ao mesmo período de 2025. O Rio Grande do Sul é hoje o quinto maior mercado da plataforma em volume de pedidos. E o movimento não se restringe à Capital: cerca de 70% dos pedidos vêm de cidades do Interior.

“Diferentemente de outros estados, onde a capital concentra a maior parte do volume, no RS há uma distribuição mais equilibrada”, afirma Rafael Correa, head de comunicação do iFood. Em 2025, a empresa chegou a 44 novas cidades gaúchas, com um salto de 10% no número de municípios atendidos apenas entre dezembro e fevereiro. Gravataí, por exemplo, registrou crescimento

de 37% no volume de pedidos no ano passado.

O avanço também se reflete na base de parceiros - que hoje já estão espalhados por 478 cidades gaúchas. Se comparado o mês de janeiro dos últimos três anos, houve aumento de 57% na base de restaurantes cadastrados entre 2024 e 2025 e de 159% entre 2025 e 2026. Porto Alegre, Canoas e Rio Grande lideram em número de estabelecimentos ativos.

Segundo Correa, 59% dos novos restaurantes que entraram na base no Estado em 2025 são de pequeno porte. “O pequeno empreendedor enxerga o delivery como oportunidade de ganhar escala e visibilidade. Já os grandes, com operação mais madura, conseguem extrair ainda mais valor da plataforma. Temos casos de restaurantes que cresceram até duas vezes mais rápido dentro do iFood do que cresceriam fora dele”, afirma.

O impacto econômico também chama atenção. Em 2024, as atividades do iFood movimentaram R\$ 3,5 bilhões do PIB gaúcho - o equivalente a 0,46% do PIB estadual - e foram responsáveis pela criação de 49 mil postos de trabalho no Estado. O valor representou crescimento de 27,3% frente a 2023.

Ainda, o comportamento do consumidor gaúcho revela particularidades. Enquanto o hambúrguer lidera em boa parte do País,



Estado atualmente é o quinto colocado com o maior volume de pedidos pelo iFood no Brasil

no RS o campeão de pedidos é o tradicional Xis. Só o Xis Salada ultrapassou 60 mil pedidos em janeiro, com crescimento superior a 27%. O Xis Carne dobrou de volume no comparativo anual.

Além dos restaurantes, supermercados e farmácias ganham espaço. Dados da Associação Gaúcha de Supermercados (Agas), por exemplo, indicam que, em 2024, 73% dos supermercados gaúchos operavam com algum tipo de delivery - seja por e-commerce, televentas ou entrega direta. Em 2023, esse índice era de 60,7%, enquanto os números de 2025 ainda não foram consolidados.

Para Leonardo Dorneles, presidente da Associação Brasileira

de Bares e Restaurantes gaúcha (Abrasel-RS) e proprietário de dois restaurantes, o delivery já se tornou estrutural no setor. “A modalidade segue crescendo, embora não mais nos níveis da pandemia. Para 2026, a expectativa é de um novo salto, especialmente com a entrada de novos marketplaces”, afirma.

A 99Food deve iniciar operações no Estado em 10 de março. Já a Keeta, braço da Meituan - maior empresa de delivery do mundo -, também deve chegar ao Rio Grande do Sul ainda neste ano. “Esses novos players não devem apenas disputar mercado com o iFood, mas ampliar o ecossistema, criando mais opções e estimulando o

crescimento do setor como um todo”, avalia Dorneles.

Hoje, o delivery representa em média 30% do faturamento dos bares e restaurantes gaúchos, percentual alinhado ao cenário nacional. Em alguns casos, chega a 45%. “É um jogo de volume. A margem no salão costuma ser maior, mas o delivery amplia alcance e receita”, diz.

Apesar das comissões cedidas às plataformas, Dorneles afirma, a partir da experiência pessoal, que é possível ter rentabilidade, desde que haja gestão rigorosa de custos, promoções e subsídios de frete. “Sem controle, a margem pode ser comprometida. Com gestão adequada, é um canal rentável.”

Expansão do serviço contrasta com pressão sobre os trabalhadores nas ruas

Se para empresas e restaurantes o cenário é de expansão, para quem faz a entrega a realidade é mais complexa. Isso porque o mercado cresce, mas a renda individual - ou o que é pago

para os responsáveis pelo serviço - nem sempre acompanha o mesmo ritmo.

Alan Souza, 24 anos, trabalha há cinco anos como entregador por aplicativo. “O mercado

vem crescendo, mas junto cresce o número de trabalhadores. Então acaba ficando meio estável para quem está na rua”, relata.

Segundo ele, o valor por entrega ficou por muito tempo em R\$ 6,50. “No ano passado subiu para R\$ 7,50. Agora há corridas pagando metade disso, em torno de R\$ 3,30 a R\$ 3,50. Hoje é preciso rodar mais para ganhar a mesma coisa”, afirma. Ele trabalha entre 8 e 14 horas por dia e calcula que mais de 75% do que recebe vai para combustível, manutenção, parcela da moto e alimentação.

Guilherme Montenegro, 49 anos, que atua para uma lanchonete na Zona Leste de Porto Alegre, confirma a mudança. “Na pandemia, por exemplo, era mais intenso, parecia mais previsível. Hoje depende muito de ho-

rário, clima e promoção do app. Para tirar R\$ 150 a R\$ 200 líquidos no dia, preciso rodar umas 9 ou 10 horas”, conta.

Ambos observam aumento nas entregas de mercado e farmácia - movimento que acompanha a expansão dessas categorias nas plataformas. Mas relatam tempo de espera ainda elevado em supermercados e ausência de diálogo direto com as empresas.

O debate sobre remuneração e condições de trabalho deve ganhar ainda mais relevância com a chegada de novos marketplaces. Ambos enxergam na concorrência a possibilidade de melhores valores por corrida.

O iFood, por sua vez, afirma ter investido mais de R\$ 744 milhões no último ano em iniciativas de apoio a entregadores em

todo o País e mantém três pontos de apoio em Porto Alegre, com estrutura para descanso, água e carregamento de celular. Paralelamente, o governo federal discute novas regras para regulamentar o setor de delivery por aplicativo: um grupo de trabalho avalia mudanças na forma de contratação, remuneração e garantias aos profissionais.

Globalmente, a tendência é de expansão. Estimativas da Statista, plataforma internacional especializada em dados e pesquisas de mercado, indicam que o setor de delivery de alimentos online poderá alcançar, mundialmente, US\$ 2,02 trilhões até 2030. Para o Brasil, a previsão de faturamento no mesmo período é de US\$ 29,50 bilhões, equivalente a aproximadamente 1,46% do montante global.



Concorrência no setor gera instabilidade entre os entregadores